

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 277

SEXTA-FEIRA 4 DE MARÇO DE 1864

QUARTO ANNO

A VEIRO

ARBORICULTURA

VIVEIROS E ENXERTIA

II

Convencidos de que muito concorre para a perfeição e bom resultado da enxertia uma composição de cêra, de que usamos, antes de darmos alguma coisa sobre a enxertia e o tratamento dos enxertos no viveiro, diremos o modo como se prepara essa cêra.

A cêra dos enxertos compõe-se de duas partes de cêra propriamente dita, uma de pez e uma porção d'azeite suficiente para a tornar branda de maneira, que feita em velinhas, estas molham-se com o calor das mãos, quando se applicam. Deve haver a cautella de não derramar a cêra continuamente com o pez, porque assim mal se combinam; e por isso usamos, de detrás de cada uma das partes em vaso separado, e depois de eadadas por um punho de chita usada ou similhante, é que misturamos os dois líquidos, que d'pois voltam ao fogo, continuando a mexer-se, para que fiquem bem combinados, e então se lhes lança o azeite. Feito isto, e tendo cessado a effervescencia, despeja-se o liquido n'uma bacia d'agua fria, para coahar; reparte-se em porções, que cada uma forme uma velinha, que se faz rolando a cêra sobre uma toalha molhada. Mas antes de se lhes dar esta forma de velas, convem que cada uma das porções seja muito bem amassada, a ponto de mudar de cor passando de preto a loura, porque só então é que está completa a combinação da cêra com o pez.

A experiencia fará ver que nenhuma d'estas cautellas é superflua.

A cêra applica-se á enxertia e cortes d'arvores, como o barro, ou unguento de S. Fiacc; mas com uma vantagem muito superior.

Para desvanecermos o receio, que alguém poderá ter de que esta composição seja trabalhosa e cara, bastará dizer que com uma velinha de meia onça de peso, que pode custar dez réis, podem fazer-se vinte e cinco enxertos.

Temos tirado excellentes resultados d'esta cêra em diversas applicações. Applicada aos enxertos, tapa perfeitamente o ar, obstando a que, pelo corte do cavallo, se evapore a seiva, que vai toda empregar-se nos garfos.

Com o auxilio da cêra, preferimos podar as arvores, quando estão a vegetar e crescer; porque o golpe tapado com ella, conservando-se fresco e verde, cicatriza promptamente, sem que a arvore se enfraqueça, ou o golpe soffra alteração.

Nos golpes maiores usamos com bom resultado, dar com uma brocha simplesmente, pez derretido com a porção conveniente d'azeite, para ficar mais economico.

Quando os garfos são de ponta cortada, cobrimos-lhes os cortes com uma lamina de cêra, pelo que rebentam com mais força.

Temos ouvido dizer a muitos enxertadores

que os garfos devem ser escolhidos em proporção com os cavallos, isto é, que devem ser mais ou menos desenvolvidos em grossura, e mesmo em altura, segundo os cavallos são também mais ou menos desenvolvidos. Mas temos observado o contrario; e por isso escolhemos para garfos as crescenças, não muito grossas, do anno antecedente, deixando em cada garfo apenas dois botões lateraes; o que nos parece razoavel, porque é mais facil fornecer o cavallo a seiva necessaria á vida d'um pequeno raminho, do que d'um maior.

Seguem tambem os enxertadores uma regra, e vem a ser que para os enxertos de fructa de carogo ou pevide se devem procurar cavallos tambem de fructa de carogo ou pevide. Isto é exacto; mas não é sufficiente; é preciso ter outras cautellas mais; pois é certo que na mesma familia de arvores ha diferentes graus de parentesco, e segundo estes são mais proximos ou mais remotos, assim tambem os enxertos pegam e produzem melhor ou peor.

Temos observado que, por exemplo, os enxertos de pereira produzem melhor em certas e determinadas pereiras do que em outras. Mas qual a regra a seguir n'este caso? Como conhecer esses graus de parentesco? Parece-nos que se deve ter em vista que haja similitude entre as duas arvores ao tempo da fructificação, e ainda nos tecidos da casca do garfo e do cavallo.

A enxertia de garfo de pecegueiro e alperche é considerada difficil pelos enxertadores; porém esta difficuldade desaparecerá, se elles, usando da cêra, enxertarem em cavallos de ameixeiras novas, e de tal grossura, que leve cada enxerto um só garfo, que é mais facil de ajustar do que dois.

Julgamos que a difficuldade, que muitos enxertadores supõem haver na enxertia de pecegueiros, provém d'elles não escolherem os garfos proprios.

Os garfos, cujos botões ou gemmas tem uma forma redonda, são os floreaes, e estes não servem para enxertar; porque d'elles brotam flores que depois caem, e ficam cegos (como se diz vulgarmente), sem que d'elles rebentem folhas e ramos.

Os garfos para enxertar devem ter olhos ou botões aguçados, que são os foliaceos; o que melhor se conhece proximo á floração; porque n'esta epoca já os botões floreaes estão bem pronunciados e distinctos dos foliaceos.

Apparecem garfos de pecegueiro com um só botão aguçado na ponta do garfo, que são facéis de conhecer; e ainda que muitas vezes tem o inconveniente de não terem um espaço lizo e direito, onde se cortem as duas faces, que não de ajustar-se na casca do cavallo.

Em quanto aos alperches, julgamos que a razão, porque muitas vezes não pegam, é porque antes de os garfos rebentarem se lhes introduz nos botões um pequeno bicho, que os rõe inteiramente e de maneira, que alguém vezes mal se conhece no exterior.

O meio, de que usamos para evitar este inconveniente, é cobrir alguns botões do garfo com uma lamina de cêra, que, impellido a entrada do bicho, não prejudica a rebentação.

Para mostrarmos a utilidade da cêra na enxertia, diremos o que nos aconteceu com a enxertia das castanheiras, que sendo-nos desconhecida, como é nas terras proximas ao litoral d'este districto, tractámos de nos informar com os praticos das serras, que nos disseram que estes enxertos, feitos de corôa, deviam cercar-se de cortiços de casca das mesmas castanheiras, cheios de terra, e cubrirem-se com leivas, que só em certo tempo deviam tirar-se; e que apesar d'estas cautellas, taes enxertos eram melindrosos, ou difficéis de pegar, dadas certas circumstancias atmosfericas.

Apesar de acharmos razoavel, e termos usado d'este processo, abandonámo-lo por ser trabalhoso, e começámos a fazer estes enxertos, já de corôa, quando os cavallos eram grossos, já rachando-os, quando delgados, e usando da cêra, como nos outros enxertos, sem mais alguma das ditas cautellas; sendo o resultado tão satisfactorio, que não conhecemos enxertos mais facéis de pegar.

Merece bem que se generalise a cultura das castanheiras mansas nas terras d'este districto proximas ao seu litoral, onde é quasi desconhecida.

Finalmente concluímos dizendo o tractamento que fazemos aos enxertos depois de pegados no viveiro, que é o seguinte: — logo que tem raminhos de quatro a cinco polegadas de comprimento, pouco mais ou menos, cortamos-lhes as pontas, deixando apenas em cada garfo um só ramo com ella, que por isso se desenvolve prodigiosamente.

Logo que os ramos espontados perdem o estado herbaceo (em que foram cortados) e se tornam mais vigorosos, cortamos-os rentes ao caule, cobrindo com cêra os cortes, que feitos no tempo da vegetação cicatrizam em poucos dias.

O resultado é que os enxertos crescem muito e formam-se arvores com um caule perfeito e elegante.

F. Vieira.

A contumacia com que em assumpto de publico interesse se pretende dar por plenamente satisfeito e perfeitamente acabado um contracto que á luz da verdade vemos não cumprido na maxima parte das suas condições, continúa ainda hoje a merecer os nossos serios reparos, impondo-nos mais uma vez a obrigação de vir ao tribunal da imprensa erguer um brado de reprovação contra factos que, resumindo em si o insulto mais revoltante feito á boa fé dos contractos, muito mais requintam na immoralidade e perversão quando apparece ali alguém que despejadamente os sanciona e autorisa.

Alludimos ao parecer dado pelos peritos no

circumstancias tão difficéis. A sua indisposição augmenta e elle está desancando um pouco.

Conversou-se um instante acerca da indisposição de meu pae. Ao cabo de cinco minutos, encontrei-me ao panno da chaminé, de maneira que ficasse occupando o centro do circulo, e prosegui: — Acabamos de receber uma carta de minha mãe.

— Ah! ah! exclamaram os velhos amigos com alegre surpresa.

Os novos applicaram o ouvido, mais admirados ainda. Para elles, minha mãe assimilhava-se um pouco a Luiz XVIII em Mittan, no reinado de Napoleão I; nem mesmo a conheciam. As faces da sr.ª marquezia tornaram-se amarellas por baixo do seu encarnado; mas Grandidier, que conversava com ella, voltou-lhe as costas, e foi elle que perguntou: — Que novidades ha da senhora condessa?

Boas, não é assim, visconde?

— Excellentes, senhor barão, graças a Deus.

— Onde está ella agora? me perguntaram ainda.

A marquezia, immovel, e com os olhos baixos, tinha a força sufficiente para continuar a sorrir-se. Eu observava-a. A avidez com que ella esperava a minha resposta, manifestava-se apenas pela sua pallidez.

meados para examinar o estado das diversas obras feitas por arrematação na igreja parochial e capellas annexas d'Albergaria Velha, porque vemos na opinião, em que a tal respeito accordaram, tanta desconsideração pela propria dignidade, uma surdez tão pronunciada ás vozes da razão e da consciencia, e finalmente um cerrar de olhos tão pertinaz á nunca eclipsada luz da verdade, que ou havemos de deserer da competence de taes juizes, ou da sua probidade!

Srs. peritos, em pleno seculo 19 e á face d'um povo que tem a consciencia dos seus direitos, é reputar em bem pôder esses direitos o terdos o insolito arrojio de ser menos verdadeiros na apreciação de factos que muito affectam os publicos interesses por vós offendidos e amesquinhadados! Favorecendo o arrematante das obras da igreja parochial e capellas d'Albergaria Velha, pactuaes com a indignidade da mais requintada má fé, porque o vosso protegido, insistimos, não satisfiez, como dizeis, a muitas das condições exaradas no competente auto de arrematação.

E senão, dizei-nos: reparou elle tudo quanto na igreja e capellas se achava arruinado? (1.ª condic.)

Porventura compoz as portas da janella do côro, a vidraça da mesma, e o soalho da sacristia? (Idem.)

A mesa nova para o côro, e esses bancos que haviam de substituir os bancos vellos quando é que os fez? (19.ª condic.)

A pintura no fôrro do corpo da igreja, o verniz nas grades da mesa da communhão deus ou elle porventura? (19.ª e 20.ª condic.)

Que compostura no throno, que porta a communicação a sacristia com a casa da fabrica, que janellas ali abertas, que vidros emfim se lhes pozeram? (26.ª, 27.ª, 28.ª, 29.ª e 32.ª condic.)

Nada d'isto se fez, e vós quereis que tudo esteja feito e satisfeito!

Que s. ex.ª o sr. governador civil mando sem perda de tempo proceder á nomeação d'outros peritos para o exame d'estas obras, que decem da sua capacidade e inteireza as mais solidas garantias, tendo no cumprimento d'esta missão sempre muito em vista o orgamento e condições da arrematação, que bom e prestavel serviço terá s. ex.ª prestado aos povos d'aquelle concelho, por cujos interesses e direitos jámais deixaremos de pugnar.

(COMMUNICADO)

Segundo nos consta, o administrador suspenso d'este concelho anda em brasa em virtude d'um officio, que o sr. governador civil lhe remetteu, para elle responder á justa queixa que trez mancebos d'Angeja lhe fizeram por o administrador os fazer remir individualmente.

Prevenimos d'aqui a s. ex.ª para que tenha de reserva a resposta que o administrador arguido lhe der.

Puchei vagorosamente pelo meu relajo.

— A esta hora, bem perto d'aqui, repliquei eu. Duas ou trez leguas de Paris, quando muito, porque a sua carta annunciava-nos a sua chegada para esta noite.

— Para esta noite! repetiram os circumstantes em diversos tons, segundo a posição de cada um.

— A' fé que é chegado o inverno, disse Grandidier com a placidez propria da sua sublime impudencia; toda a gente recolhe a Paris; realmente as viagens já não são proprias da estação.

Alguns fallaram-me, durante mais cinco minutos, das viagens de minha mãe; outros conversavam a respeito da estação, da fonte do remoçamento, de banhos de mar e do regresso a Paris. A sr.ª marquezia conseguiu accommodar o seu dito no entretenimento geral. Desde que alguém accommoda o seu dito, pode levantar-se. Ella levantou-se e seu olhar buscou Grandidier. Grandidier não tem olhos para as estrellas que caminham para o seu ocaso. Foi eu que tomei a mão á sr.ª marquezia para a conduzir á sua carriagem. Atravessámos o salão, a antecâmara e o vestibulo sem pronunciar uma palavra. Quando a ajudei a pôr o seu albornoz, sorriu-me, e realmente este sorriso era seu fel.

(Continuar-se-á.)

FOLHETIM

PAE CAMARADA

POR

PAULO FÉVAL

Trad. por M. S.

(Continuação do numero 276.)

— Minha mãe havia-me dito que fosse desapegado, uma vez travado o combate. Penalizava-me o ver a afflicção de meu pobre pae, mas não attendi a isso.

— A sr.ª condessa está prevenida, disse eu, e eu não podia ter em linha de conta, juncto d'ella, hesitações, que a teriam legitimamente offendido.

— Por certo, Rogero, por certo... eu digo segadamente... eu sou da sua opinião... ella tem direito... tem todos os direitos... mas, vejamos, quarenta e oito horas para dispor as cousas.

— Hoje, meu pae... de duas cousas uma, a condessa hade encontrar as portas abertas ou fechadas.

— Abertas! abertas!... mas esta pobre mulher... ella é estrangeira, desamparada...

— Se lhe apraz chegar gradualmente ao desfecho, é tempo de accumular os preparativos.

— Nuncia!... faltar-me-ia a coragem.

— Aqui estou eu para o substituir.

— Impossivel!

— Levantei-me por minha voz. Elle reteve-me com um olhar cheio de supplica.

— Rogero, me disse elle, se houvesse por de tiaz d'ella um homem armado de uma espada, a cousa tornava-se muito mais facil... Tua mãe teria mais compaixão do que tu... mas se ella deve vir, eu concebo!... Eu concebo!... Quem me diria hontem?... Se soubesse, filio, como eu estive a ponto de despedaçar o craneo!... Minha esposa! minha muito amada esposa!

— Elle tinha os olhos rasos de lagrimas.

— Faze o que quizeres, accrescentou elle, tornando a deitar-se desfallecido sobre o divan.

Eu não posso mais; layo d'ahi as minhas mãos, estás munido de plenos poderes... Lembra-te somente de que ella é mulher e de que tu és um fidalgo.

— Hade ficar contente comigo, meu pae.

— Rodearam-me quando tornei a entrar no salão.

— Meu pae encarregou-me de o desculpar para com v. ex.ª, minhas senhoras, disse eu com mais socego do que esperava conservar eu

Nós vamos mostrar a s. ex.^a, e ao ex.^{mo} ministro do reino, quam larga é a guela do administrador suspenso. Havemos de fazer ver por documentos authenticos que o administrador prevaricou, que não chamou os mancebos sorteados, nem empregou os meios para cumprir os seus deveres. Não ha na administração do concelho documento algum, por onde conste que se remissem ou fossem escusos todos os mancebos, a quem tocaram numeros inferiores aos dos queixosos.

O contingente de recrutas pedido ao concelho para o anno de 1861 foi de 22; os mancebos recenseados foram 101; os escusos foram 32; e dos apurados apenas se remiram os n.ºs 2, 9, 18, 22, 24, 25 e 26, faltando dos apurados os n.ºs 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, e 23, dos quaes nenhum foi escuso, como se vê de uma certidão que temos á vista, e de outra, que o sr. governador civil tem em seu poder ha quasi dois mezes.

O sr. Souto devia ter sido demittido e processado, para credito mesmo do sr. governador civil, e desagravo das leis offendidas; mas o sr. ministro do reino ha de attender as nossas queixas, e é de s. ex.^a que esperamos a justiça, que até hoje se nos tem denegado.

O administrador d'Albergaria tem sido acerbamente censurado pela imprensa por muitos actos da sua pessima administração, e em vez de se justificar, tem guardado o mais completo silencio, depois de se convencer que de balde pertendia fazer calar o jornal, em que era censurado.

Este procedimento do sr. Souto mostra a evidencia quanto elle está convencido de que são verdadeiras as arguições que se lhe fazem, o que são mais que sufficientes para que um governo, que prese a sua dignidade, não deixe de o demittir.

Concelho d'Albergaria, 3 de março de 1864.

Discurso pronunciado por s. ex.^a o ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar José da Silva Mendes Leal, na sessão da camara dos srs. deputados de 4 de fevereiro de 1864, por occasião da resposta ao discurso da corôa.

(Continuado do numero antecedente)

As economias são justas, são necessarias; mas a verdadeira economia não é gastar insufficientemente para desaproveitar e desperdiçar muito; é zelar o emprego dos dinheiros publicos; é tornar a sua applicação a mais productiva e a mais fecunda (muitos apoiados). Os sacrificios violentos, as reduções forçadas, podem ter sido medida salvadora, mas não podem ficar para normas permanentes. Foram amputações dolorosas. Não se ha de amputar todos os dias. Uma amputação pôde salvar uma vida, comprehendese; mas é uma vez. Se a repetirem, se forem successivamente destroncado o enfermo, não escapa de certo. Não morre da doença, mas sucumbe com o remedio (riso).

A mesma voz auctorizada, a que já me referi, continuava, com aprovação de s. ex.^a: a riqueza do nosso paiz não pôde desenvolver-se sem viação, sem um systema bem combinado de communicações; é por isso que eu quero o credito, e não recio que para isso se applique.

E a que é hoje applicado o credito? Não é exactamente ao mesmo? Não é para effectuar e completar o desenvolvimento da viação, instrumento de publica riqueza, condição necessaria de toda a prosperidade, e até elemento indispensavel do mesmo credito? (Muitos apoiados.) Todavia recebe-se agora o que se não recejava então! (Apoiados.)

«Mús nós iniciámos e realisámos os grandes melhoramentos». Quem tal ouvisse, quem exclusivamente acreditasse as descrições apaixonadas do espirito partidario, concluiria—que tudo ficou feito, que hoje o tempo se consume em ocio funesto, que as sommas levantadas se desbaratam em prodigalidades ruinosas. Contra similhante injustiça protesto em nome da razão e da verdade (apoiados).

Iniciastes essa época. Não vos imitarei negando-vos a gloria e o louvor que vos cabe. Iniciastes muito na ordem dos interesses materiaes, que não são tudo, porque nem só de pão vive o homem. Mas o que deixastes para fazer era comparativamente immenso, e os vossos successores não pararam.

Iniciastes, e para iniciar lutastes com graves difficuldades. Não offuscarei os serviços que s. ex.^a prestou ao paiz; e para lhe provar a minha imparcialidade mencionarei o que s. ex.^a esqueceu. Também n'isso buscarei supprir as omissões da sua historia; porque s. ex.^a ainda que não queira... também é historico porque pertence á historia.

O sr. Fontes:—Sou historico da minha historia.

O orador:—Seria só biographia. A sua historia entra na historia geral. Não pôde ser só de meia historia, porque seria apenas meio historico, e o paiz preza muito s. ex.^a para o executar com essa especie de sentença de Salomão. (Hilaridade.) —(Apoiados).

Fez também o nobre orador serviços que não relato e em lembro agora; e um d'ellos, e dos maiores, e dos de mais alcance economico, foi pagar em dia, exemplo fielmente seguido (apoiados).

Nada encubro; a ninguém deprimio; a verdade de completa. E a verdade completa é que o espirito de iniciativa não esmoreceu; e que os melhoramentos começados continuaram apesar de todos os estorvos; e que outros novos se tem emprendido e proseguem.

Durou a primeira regeneração de maio de 1851 a junho de 1856, mais de cinco annos; durou a segunda de maio de 1859 a julho de 1860, pouco mais ou menos dezesseis mezes; ao todo seis annos e meio. O tempo de gerencia dos seus successores tem sido proximo a igual. Em estradas ordinarias, as duas regenerações construíram 553 kilometros, 90 por anno. Os outros gabinetes...

Uma voz:—Historicos.

O orador:—Sejam historicos; para mim são todos historicos. Os outros gabinetes construíram 897 kilometros; 146 por anno.

Considerando separadamente as duas épocas da regeneração, porque a segunda foi n'esta parte muito mais activa—construiu a primeira 393 kilometros, 78 por anno; construiu a segunda 160 kilometros, 12 por anno. O actual gabinete, tomando o periodo de 1 de janeiro de 1862 a 30 de setembro de 1863,—vinte e um mezes, em que apenas se compreende pouco mais de um mez de gerencia anterior, também historica,—construiu 375 kilometros, 205 por anno.

Deixaram em construção—a primeira regeneração 78 kilometros, a segunda 123. Aclamase em construção 326 kilometros!

Em linhas telegraphicas as duas regenerações construíram 873 kilometros; os outros gabinetes construíram 1:331.

Em caminhos de ferro, a primeira regeneração deixou construídos 35 kilometros; isto é a secção ao Carregado, que só foi aberta á exploração em 26 de outubro de 1856. Desta data em diante abriram-se á exploração 408 kilometros. Todas as respectivas secções no tempo dos gabinetes historicos, pois que historicos lhes chamam; pertencendo todavia á segunda regeneração os trabalhos effectuados nos dezesseis mezes da sua gerencia. Aham se promptos 700 kilometros; aberta á exploração a linha até Elvas; já inspecionada a linha do Porto, que em pouco tempo se abrirá.

Uma voz:—E a linha de Beja?

O orador:—E' verdade, a linha de Beja também, que vai proximo a abrir-se.

Arguir-se ha com razão a inercia de uns para exclusivamente exaltar a actividade dos outros? Bem podia agora em presença d'este quadro fazer largas comparações! E não nos seriam ellas desvantajosas. Não faço. A camara apreciará se obedeço ou não aos conselhos da verdadeira moderação. O que está feito é do paiz. Quem o fez cumpriu o dever. Cada qual fez o que pôde: não disputemos o quinhão de cada um. Se n'isso ha honra, seja para todos. Das palmas d'esses melhoramentos não vos negamos o que vos pertence: esta é a justiça. Muitas vezes discordei no modo de os começar a realizar. Discordo ainda. Quanto á sua necessidade e conveniencia, o accordo é unanime (apoiados). E ninguém se ufane em demasia. N'um regime como o actual nenhum homem conseguiria similhantes resultados, se não fossem as forças collectivas e intelligentes da nação. Melhor é pois, melhor e mais justo felicitar-mo-nos do que degladiarmos (apoiados)!

N'esse quadro que vos apresentei está representado o valor dos empréstimos que impugnaes (apoiados). São novos meios de fortuna para o paiz.

Pois que de empréstimo tornei a fallar, seja-me permitida ainda uma observação. Todos sabem, todos ouviram como o empréstimo do anno passado foi combatido. Este anno já esse empréstimo parece excellento. Em 1863 a operação effectuada provocava todas as criticas, e sobretudo a reserva das 500:000 libras, aquella famosa reserva, era pintada com as mais odiosas cores. Em 1864 a reserva é applaudida, e a operação tem-se por tão boa, que o illustre deputado, o sr. Carlos Bento, até não consente que outra se repete melhor. Ha n'isto um perigoso incitamento a fazer novos empréstimos. (Riso.—Apoiados).

O empréstimo de um anno é a absolvição do empréstimo de outro anno. Não os aconselho ao meu collega, porque também entendo que não se deve abusar do credito. E' justo que pague o futuro os beneficios que ao futuro aproveitam; mas n'isto mesmo ha limites, e eu respeito esses limites. Estão porém os illustres deputados com este modo de impugnação provocando os governos a multiplicar os empréstimos. Se para o anno se fizesse outro (e espero que se não fará), seria este glorificado. Pois se fosse contratado a 50! Provar-se-ia até á evidencia que o preço de 50 é inferior ao de 58, como hoje se demonstra que o de 48 é inferior ao de 44! (Riso.—apoiados).

Passemos á questão que me forçou a pedir a palavra, como já disse. E' a questão da solidiedade, na qual me não conformo com os novissimos principios e singulares doutrinas que ouço proclamar.

A camara permitir-me ha que descanse um instante (apoiados). Não tenho a fortuna de possuir pulmão assás robusto para trevejar nas assembleas, e fatico-me.

Vozes:—A hora está quasi a dar, pôde ficar com a palavra.

O orador:—Peço á camara que me consinta acabar hoje. Não desejo arrastar a palavra de sessão para sessão, nem quero tão pouco abusar da sua attenção.

(Pausa.)

O sr. San'Anna e Vasconcelles:—Peço a

palavra para um requerimento antes de se fechar a sessão.

O orador:—Sr. presidente, requero a v. ex.^a queira consultar a camara para que se prorogue a sessão até concluir.

Vozes:—Falle, falle.

O orador:—Abreviarei quanto poder. Entremos na questão da solidiedade ministerial.

O illustre orador, apesar da sua provada cortezia, exclamou em tom pouco lisonjeiro: «que nós, os ministros, só eramos solidarios com aquellas cadeiras (as do ministerio)». Não sei se pôde isto reputar-se amabilidade, não sei se é assim que se amenisam os debates, e evitam as provocações, e as paixões se não irritam. Não sei, não quero sabel-o. Se o illustre deputado quiz dizer que somos solidarios com os deveres que n'aquelle lugar se contraem, de accordo. Sou solidario com esses deveres, hei de cumpril-os (apoiados). Hei de cumpril-os, por mais amargos que elles sejam. Ignoro se as cadeiras de ministros fizeram já mais as delicias de alguém; as minhas ou dos meus collegas, não. Ainda lhes não experimentámos senão espinhos. E' um supplicio continuo, que só um imperioso sentimento obriga a supportar. Nenhuma compensação em troca, nem mesmo a de poder fazer ao paiz todos os serviços que se desejam. E devo crer que não só a mim e aos meus collegas assim acontece; é a todos que ali se têm sentado. Admira só que nos inculque vinculados por qualquer consideração alheia ao estrito dever quem já deve apreciar o que ali se padece! A insinuação não tem o merito de nova, anda ha muito no arsenal das diatribes banaes, e deve reputar-se inferior á gravidade e recursos do illustre orador.

Dão-nos por afferrados ás pastas! Tendentes diante dos olhos um exemplo. Ali está o sr. Brancamp, hontem nosso collega, sempre nosso amigo, que mereceu a honra insignissima de ser atrozmente injuriado quando ha pouco deixava o ministerio por extremos de pundonor (muitos apoiados). E honra insignie chama a essas injurias, porque são a prova mais cabal da cortezia que se tem do seu firme caracter (muitos apoiados). Vêde se lhe divisas no rosto os signaes da inquietação turbulenta, da insoffrida impaciencia, que revela o fito unico e incessante do assalto ás pastas! Vêde se esse nobre cavalheiro não safu das cadeiras do governo para a de deputado, fiel aos seus principios, aos seus amigos, inalteravel no auxilio aos seus collegas! Vêde se elle, elle como alguns outros veteranos estadistas, faz da sua disponibilidade um motivo de opposição! Vêde finalmente se lhe notaes saudades, ou se antes lhe não descobris satisfação. Pois como s. ex.^a pensamos e sentimos nós todos!

Fui occupar aquelle lugar com dolorosa e quasi invencivel repugnancia, porque já sabia o que ali me esperava. Fui á ordem... á ordem, sim, sabem-o muitos!... á ordem d'uma patriótica voz, que já não pertence á terra, e que me intimou com o mais admiravel desprendimento—que esta era a obrigação (apoiados). O que n'essa occasião disse perante esta camara, repito-o agora com mais empenho. Entrei constrangido, saírei alvorogado! O dia em que tal acontecer será um dos mais felizes da minha vida!

Dá-se a entender que só á ambição ali nos tem. Que tal dissesse um tribuno novato, entrando pela primeira vez na vida publica, aceitando com as illusões e a candura dos primeiros annos por genuina significação a deploravel phraseologia dos partidos, parecia-se. Mas um homem experimentado nas lides politicas, um homem que já foi membro do governo, que necessariamente aspira a sel-o de novo... porque a opposição é opposição para substituir o gabinete; porque s. ex.^a quando toma a vanguarda d'essa opposição não é certamente para abandonar na hora opportuna; porque só justiça lhe faço pensando que hade cumprir o seu dever em tal occasião!... um homem n'estas circumstancias não hesita na trivial e imprudente ironia, não resiste ao appetite de repetir a gasta e sempre eterna arguição unicamente com essas cadeiras sois solidarios, porque vos não retiraes ao meu aceno! Mas retirar porque? Mas retirar de que? Mas retirar em nome de quem? Da minoria? (Apoiados.) Se queis verificar se somos solidarios com o dever, com os principios, com o espirito da constituição, fazei-vos maioria! (Muitos apoiados.)

Porque nos doestam? Porque não acompanhámos um nobre caracter, um honrado militar, um exemplar cidadão, o sr. visconde de Sá, em summa, quando ha pouco se retirou?

São de trez ordens as considerações que n'este caso cumpre fazer: relativamente ao facto, relativamente á doutrina, relativamente aos precedentes.

Declarou já aqui o sr. presidente do conselho, e declarou a verdade—nem é preciso confirmal-o, basta lavel-o proferido s. ex.^a, porque á sua voz não faltou ainda a authenticidade (apoiados)—declarou já o nobre presidente do conselho que a reforma do exercito, levada á execução em virtude da auctorização parlamentar, não fora submettida ao conselho de ministros.

O nobre visconde de Sá da Bandeira, a quem ss. ex.^{as} não prestam de certo homenagem do mais sincero respeito do que eu, respondendo nobremente pelo que era obra sua, e só podia ser obra sua, retirou-se, porque o julgou conveniente, antes de haver votação da camara que o obrigasse. Um illustre deputado da opposição havia apresentado um projecto propondo a suppressão d'aquella reforma. Esse projecto foi enviado a uma comissão, não sem audiencia do illustre general, como o nobre orador affirmou, mas só sem audiencia dos seus collegas porque elle tudo quiz tomar sobre si. E não foi este só o equivooco do nobre orador.

O decreto que approva a reforma não foi publicado a 23 de dezembro, como também expoz. Tem a data de 23, mas foi publicado a 30, e a reforma approvada só nos «Diarios» de 4, 5 e 7 de janeiro seguinte. Estava pois decretada mas não publicada quando no discurso da corôa se consignaram os factos principaes do periodo decorrido. Por isso também o discurso da corôa unicamente diz—decretou-se. O governo não podia solidariamente responder por mais do que por esta affirmativa, porque não tinha conhecimento do mais. Expoz-se uma verdade, e o gabinete responde por essa verdade.

Celebrou a opposição com pomposos elogios a saída do sr. visconde de Sá, collega sempre presado e respeitado de nós todos, e de quem conservaremos as mais gratas recordações e as mais vivas saudades. Mas quem se illude com taes apotheeses? Elogiou-se o sr. visconde de Sá porque saíra, e esperava-se abalar por este modo o gabinete. O nobre visconde é muito superior a estes artificios, assás os conhece, e mal o aprecia quem pensa por tal modo atrahil-o!

Está visto: os ministros só podem ter uma qualidade e uma virtude, é deixarem o lugar aos pertendentes á successão. Para não irritar os debates favorecem-os diariamente com os maiores vituperios. «Devassos, corruptos, insignificantes, ineptos», esquecendo unicamente as provas correspondentes. Não se enfraquece um determinado governo, torna-se impossivel todo o governo. Não se impugna um acto, arruinam-se todas as bases, destroem-se todos os principios da auctoridade. Servir-me-hei de uma imagem antiga, mas a verdade também é antiga, e não envelhece. Faz-se como fazem os selvagens: corta-se a arvore para se lhe colher o fructo. Depois, quando se consegue ser governo, acham-se as difficuldades d'esta propaganda temerosa, luta-se com o mal assim exercido e com as falsas noções creadas por tal perversão de idéas, não ha força moral diante das contradicções flagrantes, succumbe-se tristemente affogado n'esta serie de erros que o paiz amarga. E é assim ha muito. E nem a experiencia trás o desengano. Não faltam exemplos d'estas verdades; estão até presentes. O illustre deputado, o sr. Carlos Bento, não vai longe o tempo, já foi victima d'essas licenciosidades da palavra. Deram-o também por corrupto, devasso, insignificante e inepto, não eu, não nós, mas aquelles ao lado de quem hoje se acha. De um dia para o outro mudou tudo. Em vinte e quatro horas recuperou os talentos, que sempre lhe reconhecemos. E d'onde procede a prodigiosa metamorphose? Tinha saído do ministerio (hilaridade). Tinha saído do ministerio, e esperava-se que passasse para a opposição. Ser opposição dá o diploma de toda a capacidade.

Não ha de certo mais justos e merecidos louvores do que os tributados ao eminente caracter e ao grande coração do nobre visconde de Sá, ao honrado veterano, ao glorioso mutilado a quem tanto deve a liberdade e o paiz. Como havíamos de extranhá-los, nós que sempre sinceramente os repetimos? Mas será a sua saída do actual gabinete o unico motivo de louvor para um homem que tem gasto a vida em continuos serviços á patria? Não repara o nobre orador que por este modo quasi offende a memoria d'aquelles serviços, nem sempre igualmente apreciados e reconhecidos pela opposição? Não se lembra a camara de como ainda o anno passado o illustre general foi aqui affrontado de doctos, que o respeito me veda repetir e manda occultar! (Muitos apoiados.)

Em presença de tão singulares procedimentos facil é perceber quaes os intuitos com que o illustre orador, citando o nobre visconde perante a lei de 23 de junho de 1855, e citando o incompetentemente como logo mostrarei, nos declarou que o accusavamos, declaração que ninguém seguramente tomou a serio, por s. ex.^a (Muitos apoiados.)

Violação de lei! Onde está? Como se prova Já examinámos. Antes d'isso, seja-me licito recordar outra phrase do illustre orador que está em bem evidente desacordo, já com os interessados e suspeitos encarecimentos de agora, já com o seu transparente designio politico. Dissé s. ex.^a: «o governo não se retira diante de nenhuma manifestação, porque manifestações já ha de sobra para fazer cair dez gabinetes». Quaes manifestações? As da vontade de s. ex.^a? E não ponderou também s. ex.^a que n'essas palavras dirigia uma grave accusação e uma acre censura ao mesmo cavalheiro que pretendia lisongear? Não fazia o sr. visconde de Sá ainda parte do gabinete quando tiveram lugar essas alludidas e suppostas manifestações (apoiados), manifestações que passaram de inversas da arithmetica? (Apoiados) Se taes manifestações fossem o que inculcaes, como teria ficado no gabinete o sr. visconde, cuja nobreza de caracter agora reconhecéis, cujo pundonor agora confessaes e ninguém põe em duvida? (Apoiados repetidos.) Não estava, e não ficou ao lado dos seus collegas? Teria deixado de cumprir então o dever que hoje cumpriu. (Apoiados.) Tal é a força de evidencia, tal é o resvaladio da posição, tal é a fragilidade dos pretextos, ou o perigo do costume, que o nobre orador, mesmo quando lhe convém louvar, não pôde deixar de offender! (Apoiados.)

Este o facto, ou antes os factos. Passemos á doutrina. A doutrina é a plena justificação do gabinete, e seria a do nobre visconde se precisasse d'ella como não precisa. Os novos principios de solidiedade que se proclamam hoje, chamando-lhes constitucionaes, teem como causa a mais profunda estranheza. Quizera que ss. ex.^{as} me indicassem que doutrinario, que auctoridade, que mestre de direito publico os ensinava, taes como na actualidade se expõe na in-

prensa e na tribuna. El Channing, Vitet, Tocqueville ou Laboulaye? Tenho procurado a confirmação d'essa theoria novissima, e não a encontro. Nem a encontrarão os nobres oradores para autenticar a sua interpretação. Não a encontrarão nem ao menos no dictionario politico de Garnier-Pagés, tão conhecido e consultado, onde nem sequer vem a palavra — solidariedade.

E todavia a solidariedade existe, deve existir, é um principio; mas esse principio só ha de ser applicado nos limites do razoavel e do justo, de accordo com o bom senso, de accordo com as practicas. Levantar a solidariedade a tudo, fazer d'ella um perenne pretexto, não é tornal-a respeitavel, é fazel-a impossivel. Com as doutrinas dos nobres oradores não podiam os governos dar um passo. Era preciso que todos os ministros fossem universaes; era preciso que todos os pormenores da administração se sujeitassem á approvação prévia e commun.

Nos ministerios, como em todos os corpos politicos, ha a responsabilidade collectiva e a responsabilidade individual. Sem esta differença não podem elles viver. Um grande mestre de direito publico constitucional, um escriptor que se póde considerar o patriarcha das liberdades modernas, Benjamin Constant, ponderou com summo tacto e grande providencia — que não havia maior perigo para as constituições do que fazer tudo constitucional. E é effectivamente assim. Igualar o que deve ser fundamental, como a justiça e como a razão, ao que necessariamente varia com a variedade das circumstancias, é fazer acreditar ao vulgo que faltam aquelles preceitos, a solidez e estabilidade, é costumar os a perder-lhes o respeito, é finalmente lançar a perturbação nas sociedades.

(Continua.)

PARTE OFFICIAL

Supremo tribunal de justiça

PROCESSO N.º 5:632

Relator o ex.º conselheiro Sequeira Pinto

Nos autos criminaes da relação de Lisboa, juizo de direito do 3.º districto criminal, 5.ª vara, 1.º recorrente Antonio da Cunha de Sousa Vasconcellos, 2.º recorrente Miguel Osorio Cabral, se proferiu o accordo seguinte:

Accordam em conferencia os do conselho no supremo tribunal de justiça, etc.:

Que dos autos consta que o 2.º recorrente intentou processo correccional contra Antonio da Cunha de Sousa Vasconcellos pelo crime de diffamação e injuria, punido pelos artigos 407.º e 410.º do codigo penal;

Que a juiz de 1.ª instancia designou dia para julgamento correccional por seu despacho de fl. 53; do qual se aggravou para a relação, que dando provimento ao aggravado, mandou seguir o processo ordinario da liberdade de imprensa pelo accordo recorrido fl. 62;

Attendendo que o accordo, julgando incompetente o processo correccional, offendeu directamente os artigos citados da lei penal; e como tal é nullo segundo a expressa disposição do artigo 1.º § 2.º, da carta de lei de 19 de dezembro de 1843:

Annullam portanto o julgado pela relação, e em vista do estatuto no artigo 2.º da referida carta de lei de 1863, baixem os autos ao juizo do 3.º districto criminal para se proseguir no processo correccional, e em harmonia com o artigo 1.º da carta de 18 de agosto de 1863.

Lisboa, 26 de janeiro de 1864. — Sequeira Pinto=Cabral=Visconde de Lagoa=Seabra=Alves de Sá, vencido.—Fui presente, Souza Azevedo.

Está conforme.—Secretaria do supremo tribunal de justiça, 13 de fevereiro de 1864. — O conselheiro secretario, José Maria Cardoso Castello Branco.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hoiem extraimos o seguinte:

Bruxellas, 24. — O parlamento belga deve tornar a reunir-se no dia 1.º de março.

No sabbado 27, o rei Leopoldo recebeu em audiencia, o sr. marquez de S. Carlos, ministro plenipotenciario de Hespanha.

Bremé, 23. — Por um tratado assignado no dia 15 de fevereiro, Oldemburgo concede á Prussia o estabelecimento de novas estações mercantes e militares no golfo de Yarda.

Este tratado indica a existencia de novas combinações de grande importancia, na Alemanha.

Pariz, 23. (de tarde). — Segundo a «France» os representantes da Prussia em Pariz e em Londres declararam que a entrada no Jutland das tropas foi por motivos estrategicos, e de modo algum por combinações publicas.

Pariz, 24. — O periodico o «Constitutionnel» no seu numero de hoje pela manhã, publica um artigo summamente a favor da Dinamarca.

Diz que as sympathias da França para com as nações amigas augmentam, e cresce a sua solicitude quando surgem novas complicações que aggravam o conflicto.

Pariz, 26. — A França aceitou em principio a proposta sobre a conferencia. A Austria e a Prussia acceitam-a tambem com a adhesão da confederação.

Weimar, 26. — Sabe-se de boa fonte que a Dinamarca adheriu á proposta de conferencia, que se reunirá em Londres muito breve.

Vienna, 26. — O governo austriaco accetea a proposta da Inglaterra, com a condição de que, como base da confederação (?) as potencias europeas garantirão a autonomia dos ducados.

Frankfort, 26. — A Prussia e Austria propozeram á dieta ceder o commando em chefe das tropas federaes e para a execução federal nos ducados dinamarco-allemaes nomear dois commissarios civis, novos, pertencentes áquellas duas grandes potencias.

Esta proposta foi enviada á commissão. Hamburgo, 26. — Uma bateria prussiana situada em Banropp obrigou a retirarem-se dois navios dinamarquezes que tinham entrado no estreito d'Alsen. Um dos navios teve grandes avarias.

Copenhague, 26. — Mr. Aftonbladet perguntou em Stokolmo se a Suecia podia prestar auxilio immediato á Dinamarca.

Mr. Mauderston, ministro d'estado da Suecia, respondeu claramente que não.

Idem, 27. — Lord Palmerston declarou na camara que as bases da conferencia serão compatíveis com a integridade da Dinamarca. Nem todas as potencias deram ainda o seu consentimento. Recobeu-se uma communicação da Dinamarca na qual manifesta este governo que deseja differir a acceitação por algum tempo por motivos puramente locais.

Tambem Palmerston declarou que continua fazendo esforços para extinguir a escravidão na ilha de Cuba, que fez cessar o trato com o Brazil e que desde então nota-se uma diminuição consideravel no numero de escravos importados em Cuba.

Paris, 29. — Concluiu-se a causa contra os italianos accusados de conspiração contra a vida do imperador.

A concorrência foi numerosissima. Depois d'uma brilhante defeza por parte dos advogados, e um resumo feito com lucidez pelo presidente do tribunal, o jury retirou-se para a sala de deliberações, voltando pouco depois com um veredictum affirmativo sobre todas as questões.

Em consequencia d'isto, o presidente da audiencia imperial, Mr. Devicmes, dictou a seguinte sentença:

«Grecco e Trabuco condemnados a deportação para a ilha de Cayenna.

Imperatori e Scaglioni condemnados a vinte annos de prisão».

Devem aculher-se com reserva os boatos da adhesão da Dinamarca á conferencia proposta pela Inglaterra.

Hontem não havia nas regiões officias noticia alguma da dita adhesão.

O navio de helice «Stokolmo» saiu com rumo a Copenhague, levando o seu capitão instrucções secretas e officios para o governo dinamarquez.

NOTICIARIO

Descoberta. — Um jornal inglez dá noticia do seguinte descobrimento feito na China:

Um official inglez encontrou no meio dos povos chinezes uma cidade com um milhão de habitantes que vivem na lei de Moisés com privilegios especiaes.

A cerca d'esta Jerusalem inesperada, dá um jornal israelita de Londres curiosos promenores.

(O Defensor do Trabalho.)

Julgamento. — Teve lugar em 29 do passado (diz a «Justica») o julgamento do réo Manuel dos Santos, gallego, por alcunha o Brazileiro, accusado de ter roubado ao estafete de Guimarães um bahu, que tinha alguns objectos no valor de 40\$000 réis. O réo foi condemnado a oito annos de degredo para uma das possessões d'África.

O preso não póde ouvir a sanguefrio o depoimento das testemunhas, e tirando o banco onde estava assentada uma testemunha, e não se contentando em vel-a no chão, lançou mão do banco, para lhe dar com elle, o que não conseguiu, porque os guardas que estavam proximos, lhe acudiram.

Quando o juiz acabou de ler a sentença, disse-lhe: — «Ainda é pouco, sr. juiz, podia ser mais.»

E finalmente quando o official de diligencias o amarrava para o conduzir á cadeia lançou-se a elle, dando-lhe muitos murros, e sendo preciso acudir algumas pessoas, que ali se achavam.

Bom será que esta fera venha mais mansa, quando voltar.

Desastre. — Esta noite succedeu um grande desastre. — Na rua de S. José, um empregado no caminho de ferro tinha carregado uma pistola, e pondo-a em cima da mesa, fechara a porta do quarto.

Depois saiu. Duas creancinhas, seus netos, foram ao quarto, e uma d'ellas pegou na pistola, e tão desastradamente, que disparando-se a arma, se lhe metteram no peito duas balas.

A creança, que era um ludo menino de 9 annos de idade, falleceu 10 minutos depois.

O pae do infeliz menino tinha ido a Cintra, e devia ter regressado a casa esta noite.

Que triste espectáculo veio achar!

(Jornal do Commercio.)

Sobre o horroroso incendio do Chili. — As ultimas noticias da republica do Chili, dizem que o pavoroso incendio da igreja, em Santiago, era assumpto que exclusivamente occupava a attenção publica.

O senado votou uma lei prohibindo d'ora

avante illuminações nas igrejas. A mesma lei ordena que a construcção dos templos seja modificada, e que para o futuro tenham um numero sufficiente de portas.

Formou-se em Santiago uma brigada de bombeiros que foi organizada com entusiasmo.

Enterraram-se 2:100 cadaveres tirados das ruinas da igreja Compania. Encontraram-se corpos mutilados e membros separados dos corpos, e um certo numero de feridos.

O numero total das victimas é calculado em 2:500.

A 31 de dezembro a igreja de Santo Izidoro este para ser theatro de um incendio semelhante.

Uma vella do altar pegou fogo a um ramo de flores artificiaes. O fogo foi immediatamente apagado, porém a multidão fugiu na maior confusão. Os officios religiosos não continuaram.

(O Braz Tisana.)

Despachos. — Por decretos de 20 e 24 de fevereiro ultimo, tiveram logar os seguintes:

João Amaro Maia—provido por tres annos, na cadeira de ensino primario de Cabequedós, concelho de Villa Nova de Famalicão districto de Braga.

Joaquim da Fonseca Moraes—provido, por tres annos, na cadeira de ensino primario de Ceira, concelho e districto de Coimbra.

Fortunato da Fonseca Oliveira Neves—provido de propriedade na cadeira de ensino primario de Alhadães, concelho de Figueira da Foz, districto de Coimbra.

Francisco de Paula Durão—provido de propriedade na cadeira de ensino primario de S. Marcos, de Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz, districto de Evora.

Francisco de Paula Papão—provido de propriedade na cadeira de ensino primario de S. Miguel, de Machede, concelho e districto de Evora.

José Gomes do Carmo—provido de propriedade na cadeira de ensino primario de Marnelete, concelho de Monchique, districto de Faro.

José Maria Sardinha—provido de propriedade na cadeira de ensino primario de Vimieiro, concelho de Arraiolos, districto de Evora.

Matheus Lourenço Pereira—provido de propriedade na cadeira de ensino primario da Castanheira, concelho e districto da Guarda.

Carnaval em Napoles. — O carnaval em Napoles offereceu este anno, especialmente na rua de Toledo, um espectáculo e um entusiasmo nunca visto diz o «Bracarense». A rua foi percorrida a custo, no meio d'uma multidão de povo apinhadissimo, por carros allegoricos de mascaras com variadas exhibições.

Millionario fallecido. — Falleceu o duque de Sevilhano em Madrid, deixando uma fortuna de 7000000 de duros, diz o mesmo jornal. Não quiz que se lhe tocasse no corpo, senão passadas 48 horas depois d'expirar.

Que fartura! — Hontem em uma das igrejas de Belem celebraram-se cinco casamentos. Os dez noivos reuniram-se todos á mesma hora, e tiveram de esperar a sua vez. O sacerdote levou quasi uma hora a casar gente.

A que ponto chegaria a população de Lisboa se estes casos fossem frequentes? Infelizmente o matrimonio encontra na carestia dos generos alimenticios um obstaculo horrivel. Até por este lado era excellente que tal carestia cessasse.

(Commercio de Lisboa.)

Por causa d'uma botinha. — Antes de hontem, escrevia ha dias o «Conservador», houve um casamento singular n'uma freguezia da baixa. Era uma senhora experimentada já nas lides da vida, viuva duas vezes mas, ainda esplendida de formosura, voluptuosa e atrahente com um rapaz provinciano estabelecido ha pouco em Lisboa.

Conta-se assim a origem deste amor.

Uma noite vira-a elle no circo de Price. Ficava impressionado e seguira-a de perto. Ao dia seguinte começou a rondar-lhe por baixo da janella. A joven vinha apparecer, sorriu-lhe, e elle impoz-se o doce martyrio de rondar por ali sempre.

Uma tarde a viuva saiu a passeio. Olhares de intimidade se trocaram entre ambos. O tímido logista queria dirigir-lhe a palavra, mas a paixão embargava-lhe a voz. A final animou-se, avançou a passo, e fitando a vista na sua divindade, cedeu á força magnetica daquelle olhar e baixou os olhos. Junto ao chão novo encanto o prendia.

Eram as botinhas. Que delicadas, que formosas, que seductoras ellas eram! E' sabido que a botinha de salto tem grande influencia sobre os destinos da humanidade:

— Que linda botinha, exclamou elle!

— Acha? tornou a dama sorrindo.

— Oh! quem me dera possuil-a!

— Se é grande o desejo póde mandar amanhã buscar a minha casa.

— Suprema felicidade.

Mandou buscar aquelle talisman de solla e duraque. Beijou-o soffregamente, abraçou-o louco de amor e escreveu á viuva:

— Amo-a. Se quem já possui a vestidura do pé podesse tambem possuir o pé e a mão, eu seria o mais feliz dos homens. Sou negociante estabelecido e tenho de meu 6.000\$000 réis. Convém-lhe? Não me diga que não. Se me diz que sim, vou já a correr á camara ecclesiastica.

A resposta não podia ser negativa. Passado um mez eram marido e mulher.

Quem escrever um «Tratado da influencia da botinha sobre o coração humano» terá feito a sua independencia litteraria.

Circumspecção nas mulheres. — Os

homens negam a descripção nas mulheres; consideram a lingua feminina como o symbolo da bicharellice e chegam a admirar-se de que uma mulher soube guardar um segredo.

Esta opinião tão arreigada e tão vulgarizada, não passa de um prejuizo, e prova unicamente que os homens são incapazes de julgar e apreciar o caracter das mulheres. Faremos algumas observações, que ninguém poderá contestar.

O coração da mulher é um santuario impenetravel; n'elle se escondem os soffrimentos que ella sabe callar; os seus affectos, os seus segredos, e muitas vezes os que foram confiados a sua guarda. A mulher apesar da sua leviandade aparente, não é capaz de divulgar nunca e sem motivo o segredo de que se tornou depositaria. O tacto fino de que é dotada a põe ao abrigo das ciladas que lhe possam armar. Porventura póde uma mulher trahir um segredo capital?

Recorra-se á historia; pergunte-se aos proscriptos illustres se não foram salvos tão sómente pela coragem e descripção das mulheres? Se a traição póde porventura ter cabida no coração da mulher, é quando este, eivado por sentimentos mesquinhos, nutre em si o mesquinho e pequeno sentimento da vingança. Chegada a este paroxismo deixou de ser mulher, e o proprio sexo a deve renegar do seu sexo.

Não ha mulher que diga tudo quanto pensa, e tudo quanto sabe; ha uma certa dignidade e reserva que lhe prohibe o deixar-lhe em sua alma, e por isso mesmo esta disposição instinctiva lhe facilita a descripção; contudo ha por esse mundo, um certo numero de opiniões já estabelecidas, que mais facil é ter de as acceitar do que profundas, e d'este modo os erros propagam-se e perpetuam-se. Um homem possuidor de um segredo toma um certo ar mysterioso que desperta a attenção; mede todas as palavras e parece estudal-as: a mulher, pelo contrario, é de si mesma tão discreta que póde fallar em coisas que toquem muito de perto, o que pertence a calar sem que por esse facto se arrastada a uma completa declaração. Muitas vezes ouvindo-a fallar, se repete machinalmente a opinião erronea de que: «uma mulher é incapaz de guardar um segredo», sem sequer passar pela idéa, que ella sómente diz, o que não val a pena de ser callado.

Esta differença entre o homem que se diz discreto, e a mulher que chamam indiscreta, torna-se, sobre tudo, notavel nas classes privadas de educação. O homem ignorante não sabe occultar uma verdade pungente, ou uma suspeita perniciosa, por isso que não póde reprimir os movimentos da alma por factos que sejam a si proprio ou aos outros. A mulher pelo contrario, mesmo a da mais humilde classe, guarda no fundo do coração, mil segredos importantes, porque reconhece instinctivamente que do silencio depende a felicidade e o socoço dos que a cercam; e mesmo porque a natureza a dotou de uma força que os homens só adquirem com a reflexão e educação.

Póde-se portanto dizer afoitamente que, quando uma mulher divulga um segredo importante, devemos accusar, não a fraqueza inherente ao seu sexo, nem a disposição natural inconciliavel com a descripção, mas tão sómente o coração. (Diario Commercial.)

Sexta-feira e o n.º 13. — O jornal «L'Europe» conta a seguinte historia:

«M. H... nasceu em uma sexta-feira, no dia 13, e ao nascer causou a morte a sua mãe. Afóra isto a sua infancia não revelou em nada a influencia fatal da sua ostrella, que começou a desenvolver-se quando elle chegou aos vinte annos.»

Fazendo uma viagem chegou no seu dia natalicio a Avignon, e foi para um hotel. Duas horas depois morreu repentinamente a dona do hotel, e n'essa noite manifestou-se um incendio na casa.

Algum tempo depois, em Paris, foi visitar um dos seus amigos que lhe propoz um passeio a cavallo. N'este passeio a amigo caiu do cavallo e quebrou o craneo na calçada.

D'ali a dias tendo em um club uma altercação com outro mancebo, desafiaram-se e convieram em que o duello teria logar na manhã seguinte.

M. H... appareceu só no sitio aprazado, porque o seu adversario querendo exercitar-se quando carregava uma pistola disparou-se esta e o matou.

Embarcando em Marselha para Napoles naufragou o navio perecendo umas trinta pessoas.

Chegando a Napoles n'um dia em que jogava as armas com um amigo, quebrando-se a ponta embolada do seu florete, feriu no braço o seu parceiro, sendo tão grave o ferimento que exigiu a amputação a que se seguiu a morte.

Profundamente penalizado saiu de Napoles e percorreu a Italia.

Foi chamado como testemunha para três duellos em que trez amigos seus foram mortos.

Fez a corte a duas donzellas, uma das quaes morreu afogada em uma viagem de recreio; e a outra depois de ter dançado com elle em um baile, morreu na manhã seguinte queimada por se lhe ter pegado fogo aos vestidos.

A final perdendo o seu port-monnai, o desgraçado que o achou serviu-se do dinheiro para se embeldar, por modo que caiu como fulminado para não mais se levantar.

Já é fatalidade!

Criminalidade notavel. — Haverá pouco mais de 30 annos, existia em um dos concellos, contiguos ao de Thomar, um individuo, que tinha em casa uma sobrinha.

Esta para se apoderar do dinheiro que o tio possuia, matou o.

Depois casou, e teve um filho que, quando chegou a homem, matou outro.

Depois casou com uma mulher velha que matou, e depois casou com a amasia que tinha, a qual o matou a elle.

Esta casou com outro individuo, que a matou, o qual ainda vive.

O que é mais para admirar, diz a *Gazeta de Portugal*, d'onde extractamos esta noticia, é que todos estes crimes ficaram impunes.

Cereaes.—Segundo diz um telegramma que de Lisboa dirigem em 3. do corrente ao *«Commercio do Porto»*, o conselho do commercio foi consultado sobre a importação de cereaes e votou por uma lei permanente com urgencia.

Concordando o sr. ministro das obras publicas, o conselho encarregou os srs. Casal Ribeiro, marquez de Niza e Carvalho de fazerem o respectivo projecto.

Folgamos de poder dar aos leitores tão boa noticia, e de vermos prestes a ser adoptada uma medida, pela qual mais de uma vez temos pugnado. Mas ainda assim não julgamos o governo dispensado de adoptar uma providencia provisoria, porque a escassez e carestia de cereaes que se está experimentando por toda a parte, não consente que fiquemos esperando que se elabore e discuta o projecto, sem cuidarmos de evitar o mal que nos está emmente.

Caminho de ferro.—A chuva prejudicou, como era de esperar, as obras do caminho de ferro. O atroz das Agrads deu um pouco de si, e sabemos que algumas obras d'arte soffreram pequenos estragos.

Hontem partiu d'esta cidade para Lisboa um comboio, que se receiava não podesse passar de Coimbra, por se andarem fazendo na linha alguns concertos, em consequencia dos quaes ella se neha interrompida.

Engano.—A *«Prensa»* de 26 do passado diz que se espera que dentro em poucos dias cheguem a Paris o rei e a rainha de Portugal. Seguramente foi mal informado o jornal francez, a não ser que SS. MM. o tenham prevenido confidencialmente da sua viagem.

Navragios.—No mez de janeiro, perderam-se os seguintes navios americanos, se é verdadeira uma estatistica maritima dos Estados Unidos, que por ahi corre:—6 fragatas, 6 barcas, 6 bergantins, 16 galeotas e 2 vapores. Calcula-se em 1.937.000\$000 réis o valor d'estas perdas.

CORREIO

Na sessão da camara electiva de 29 do passado, antes da ordem do dia, tiveram a palavra os srs. deputados João Antonio de Sousa e Fortunato Frederico de Mello, que usaram d'ella para mostrarem a conveniencia que ha em ligar por meio da via ferrea as cidades de Faro e Beja. Os illustres deputados vieram assim reforçar as considerações que sobre essa conveniencia fizera anteriormente o sr. Silveira da Motta.

Na ordem do dia entrou em discussão o projecto do sr. ministro da guerra para a revogação da reorganisação do exercito.

Encetou o debate o sr. Sá Nogueira, que combatu energicamente o parecer da commissão, terminando por mandar para a meza uma proposta para que o projecto volte á commissão de guerra, a fim de que esta examine mais minuciosamente o plano de reorganisação e proponha as alterações que for necessario fazer-lhe.

O sr. Sá Nogueira fundamentou em varias razões o seu projecto de adiamento. Entre ellas avulta a da desconsideração que da sua revogação completa resultaria para com o augusto chefe do estado, a quem a camara promettera, na resposta ao discurso da corôa, que havia de examinar se na reforma do exercito se tinham observado as disposições das leis, e os principios da arte militar.

Apezar da proposta de adiamento do sr. Sá Nogueira ter o caracter de questão previa, a camara resolveu que ella entrasse em discussão juntamente com o assumpto principal.

Seguiu-se o sr. Camara Leme que fallou até ao fim da sessão. S. ex.^a deixou ver que possui vastos conhecimentos sobre administração militar; mostrou a necessidade de uma reforma do exercito, e principalmente a conveniencia de organizar a força armada no nosso paiz de maneira, que possa facilmente passar-se do pé de paz ao pé de guerra.

Depois de fallar largamente sobre o assumpto, terminou propondo que se convidasse a commissão de guerra a elaborar umas bases para organisação do exercito, e mandou para a meza um projecto d'essas bases.

Na sessão do dia 1.º continuou a discussão sobre o mesmo assumpto; tendo a palavra o sr. Castro Ferrer que fez um discurso bastante longo e cheio de divagações. No exordio fallou s. ex.^a dos governos, dos partidos, dos principios e dos sistemas, dizendo cousas que, sem deixarem de ser muy verdadeiras, tinham o defeito de virem pouco a proposito. Sobre a reforma pouco disse, mas opinou que ella deve ser annullada, porque é má; que alguns dos seus artigos são inadmissiveis, posto que outros sejam excellentes.

O sr. Castro Ferrer entende que para se sustentar a independencia nacional é necessario ter um exercito bem organizado, a capital bem fortificada e os cofres publicos bem providos de dinheiro. Ninguém dirá que s. ex.^a entenda mal; a difficuldade está em realizar o que s. ex.^a entende.

de Carvalho, alferes do exercito e deputado por um dos circulos do Algarve, o qual, segundo dizem os jornaes, pronunciou um discurso, breve sim, mas muito elevado nas idéas e solido na argumentação. O habil e independente deputado tratou a questão em toda a sua altura. Acensou o governo de ter andado com pouca seriedade neste assumpto, disse que a camara seria sobremaneira incoherente se votasse o projecto em discussão, e terminou mandando para a meza duas propostas, a primeira substituido pela suspensão da reforma do exercito a revogação proposta no projecto, e a segunda convidando a commissão de guerra a examinar a reforma, e a propôr as modificações que julgar convenientes.

Estas propostas não differem senão na forma do adiamento proposto pelo sr. Sá Nogueira, e da moção do sr. Camara Leme.

Na sessão do dia 2 fallou sobre o mesmo assumpto o sr. Fontes Pereira de Mello que apresentou duas moções, sendo uma d'ellas para se enviarem á commissão as bases propostas pelo sr. D. Luiz da Camara.

Na noite de 29 houve no ministerio da guerra uma reunião da maioria, na qual se tractou ainda do projecto de reorganisação militar. O sr. ministro da guerra declarou ali que apoiava a reforma que pertencia levar-se a effecto, que elle devia assentir sobre um novo plano. Na noite do dia 1.º devia haver nova reunião no ministerio do reino.

O governo tentou demonstrar que no projecto não havia retroactividade, mas por fim assentou-se em modificar-se a redacção para fazer desaparecer as duvidas que offerecia.

O *«Progressista»*, jornal ministerial, suspendeu por alguns dias a sua publicação. Deu motivo a isso, segundo se affirma, um artigo que n'elle apparecera, elogiando muito o sr. Silva Cabral por occasião d'este cavalheiro ser elevado ao parato, e stigmatizando o sr. marquez de Vallada, pelas expressões ironicas (no entender d'alguns), com que recebeu o novo par, quando tomou assento na camara.

Diz-se que o mencionado jornal não tornará a apparecer com o mesmo nome, mas sim com o de *«Rei e Ordem»*.

Corre na capital que vae ser exonerado do logar de governador civil de Lisboa o sr. marquez de Sabugosa, que passará a exercer um emprego no paço. Para o substituir indigita-se o sr. conde de Rio Maior. Diz-se igualmente que para o districto de Villa Real será nomeado o sr. Eduardo Several.

O paquete de Bordeaux chegado ultimamente a Lisboa trouxe a seu bordo o sr. visconde de Paiva, nosso ministro junto á corte de Paris. Não se sabe bem o que motivou a vinda do sr. visconde á capital; dizem uns que s. ex.^a vem simplesmente tomar posse do parato; outros querem que a sua vinda tenha relação com diferentes combinações diplomaticas que vão ter logar.

O *«Diario»* de 29 do passado publica a carta de lei que estabelece a sua alteza o principe real a dotação annual de 20 contos de réis, e o do 1.º do corrente os decretos que nomeiam pares do reino os srs. duque de Palmella (Antonio), conde de Bertandinos, José Bernardo da Silva Cabral, e general Passos. O primeiro d'estes cavalheiros tomou assento na respectiva camara no dia 2 do corrente. No mesmo dia tomaram tambem assento os srs. visconde de Paiva e bispo do Algarve.

O sr. engenheiro Souza Brandão foi encarregado pelo ministerio das obras publicas de confeccionar um plano de reconstrução da ponte de Coimbra sobre o Mondego. Esta obra é das mais urgentes que podem imaginar-se, porque a actual ponte está quasi completamente inutilizada pela elevação do leito do rio, tornando-se, quando ha enchentes, inteiramente impossivel a passagem de barcos por baixo d'ella.

O sr. Sousa Brandão vae em breve dar principio aos seus trabalhos.

No dia 29 do passado teve logar na egreja de S. Paulo em Lisboa a sagração do sr. bispo de Angola, D. José Lino d'Oliveira. Assistiram a este acto varios titulares e pessoas de distincção, officiaudo de pontifical o sr. arcebispo de Sida, nuncio apostolico.

No dia 1.º do corrente celebrou-se na mesma cidade o sexagesimo oitavo anniversario da fundação da biblioteca nacional, abrindo-se uma nova aula de leitura, onde foi collocada a estatua da rainha e senhora D. Maria I, fundadora d'aquelle estabelecimento. A estatua é de marmore de Carrara e devida ao cinzel do celebre auctor da estatua equestre do el-rei D. José I, o bem conhecido escultor portuguez, Joaquim Machado de Castro.

No dia 1.º entrou a barra de Lisboa o vapor *«Oneida»*, procedente dos portos do Brasil.

Ao senado d'aquelle imperio estava affecto um projecto de lei inibindo os estrangeiros de possuirem escravos. Tinham desaparecido dois negociantes de café, Venot e Cunha Telles, deixando um debito excedente a quinhentos e cincoenta contos.

Houve mudança de ministerio no reino visinho. O novo gabinete ficou composto do seguinte modo: Mon, presidente sem pasta, Pacheco, ministro dos estrangeiros, Moyans, da justiça, Canova, do reino, Marchesi, da guerra, Salaverria, da fazenda, Pareja, da marinha, Ulloa, do fomento, Ballesteros, do ultramar.

ANNUNCIOS

Previne-se os moradores da extincta villa d'Eixo para não tirarem areia, ou outra

cousa, de uma terra sita no Matoito, limite da dita villa, sem licença de sua dona D. Anna Candida de Mello, d'Aveiro, e fazendo-o terrão de pagar-lhe o prejuizo que causarem na mesma propriedade.

Vende-se um bilhar em muito bom uso. Quem pertender compral-o falle n'esta redacção, que aqui se lhe dirá com quem deve para esse fim entender-se.

Na loja de José Gamellas, debaixo dos arcos, vende-se calçado, tanto para homem como para senhora.



Em um dos melhores sitios d'esta cidade, se aluga uma casa com excellentes vistas e bons commodos. Na redacção deste jornal se indica quem está encarregado do seu ajuste.

Deposito de camas de ferro e colchoaria no Porto

Mannel José Guedes com estabelecimento de colchões e um grande deposito de camas de ferro na rua de Belmonte n.º 24, tem camas de ferro e colchões de todas as qualidades e tamanhos que vende por preços razoaveis.—Camas de 2:800 rs. para cima.

Toma conta de qualquer encomenda d'estes objectos, e satisfaz com perfeição.

LIVRARIA

João da Silva Mello Guimarães, acaba de receber de Lisboa, entre muitos livros, os seguintes, cuja publicação foi auctorizada pelo conselho geral de instrucção publica:

Catecismo da doutrina christã, composto pelo Padre Theodor d'Almeida, 5.ª edição. — Preço 50 rs.

Grammatica portugueza, para as escolas primarias, por J. E. de Andrade, 1.ª edição. — Preço 120 rs.

Dita com additamentos para uso dos Lyceus, por M. M. Marrecas, 2.ª edição. — Preço 160 rs.

Dita, por Antonio Maria Baptista, 2.ª edição. — Preço 160 rs.

Orthographia Portugueza, por J. Tavares de Macedo, socio da Academia das Sciencias, 3.ª edição. — Preço 80 rs.

Elementos de Arithmetica e systema metrico-decimal, por F. Menna Apparicio. — Preço 200 rs.

Exposição do systema metrico-decimal, por J. M. Latino Coelho, vogal do conselho geral de instrucção publica. — Preço 150 rs.

Resumo da Historia do Antigo e do Novo Testamento, com reflexões moraes intercaladas no texto, pelo conego Schmidt, vertidos em portuguez, por R. A. Bulhão Pato, 2.ª edição. — Preço 300 rs.

Selecta Portugueza, por F. M. de Andrade. — Preço 600 rs.

Elementos de Logica, por D. J. Balnes. — Preço 300 rs.

Selecta Camontana, por A. J. Viale. — Preço 320 rs.

Novo epitome da Historia de Portugal, por A. J. Viale, professor de litteratura grega e latina, no curso superior de letras — preço 300 rs.

A Mythologia, em 15 ligões. — Preço 120 rs.

Noções elementares d'antiquidades romanas, por M. M. Marrecas, professor no lyceu nacional d'Evora. — Preço 300 réis.

Progresso pelo Christianismo, pelo padre Felix, tura, conferencias de 1858. — Preço 400 rs.

Mulheres do Evangelho, Homilias por o Padre Ven 1.º vol. 2.ª edição. — Preço 900 rs.

Sermonario Selecto de Pregadores, vol. 1.º e 2.º — Preço de cada vol. 1\$000 rs.

Sermões do Beneficiado Malthão, 1.º vol. — Preço 1\$200 rs.

Encyclopediã das artes, collecção de 1318 processos industriaes, por M. A. de Mattos. — Preço 600 rs.

Avisos da Providencia, por S. Affonso Liguori, 1.º vol. in 8.º — Preço 120 rs.

N'esta livraria encontram-se á venda todos os livros que sejam procurados, quer nacionaes quer estrangeiros, e toma-se incumbencia de mandar vir de fóra do paiz por intervenção dos seus correspondentes de Lisboa e Porto todas as obras que forem pedidas, ainda as mais raras. Recebem-se tambem assignaturas para jornaes estrangeiros, illustrados.

COMPANHIA UNIÃO

DE SEGUROS CONTRA INCENDIO, DE VIDAS, E MARITIMOS

CAPITAL 1.500.000\$000 réis.

Pela direcção geral d'esta vasta companhia, estabelecida no Porto, se faz publico que em Aveiro, e seu districto, está devidamente auctorizado o sr. **João da Silva Mello Guimarães** para effectuar toda a qualidade de seguros, com condições muito favoraveis; tanto maritimos como contra fogo; egualmente para a Companhia mutua de seguros sobre a vida.

O PORVIR DAS FAMILIAS

A mais bem garantida de toda a Hespanha que já conta 85:000 socios, apesar de só existir ha 10 annos. Conclie-se a vantagem d'este verdadeiro Monte-Pio, que um pae, mãe, tutor, padrinho, ou outro qualquer individuo que pague 5:000 réis por anno, por um menino de menos d'um anno, no fim de 25 annos, pode receber em capital rs. 2:400\$000. Os resultados variam conforme a idade, a duração do seguro, e a quantia imposta, que é a vontade do subscriber; e pode ser paga d'uma vez só, ou em prestações.

Para se calcular a importancia e credito da companhia **O Porvir das Familias**, administrada pela companhia **União**, basta dizer-se que nos ultimos dois mezes de novembro e dezembro ingressaram n'ella 108 socios com a somma de Rv. 1.273.200.000 ou Rs. 63.000\$000.

E. Moser
Representante da
Companhia em Portugal

GUIA

EM
CAMINHOS DE FERRO
POR
J. G. PORTULEZ, E J. M. DA CUNHA MONIZ
Um folheto onde os passageiros e expedidores encontram todos os preços por kilometro, e o systema de calcular a importancia dos transportes a qualquer distancia, bem como todos os mais accessorios.

Preço 100 rs.
Vende-se em todas as livrarias do costume.

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ E BRASILEIRO

Estudos de Innocencio Francisco da Silva

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.
Comprende nos 7 volumes publicados as letras A até Z, com cerca de 5:300 nomes de escriptores antigos e modernos, na maior parte acompanhados das respectivas biographias mais ou menos resumidas, e a descripção bibliographica e critica de mais de 18:000 obras impressas, e algumas ineditas, etc. etc.

Preço dos 7 volumes em Lisboa (até 31 de dezembro) 10\$000 réis.

Tomos avulsos 1\$440 réis.

Para as provincias accresce o custo das estampillas.

Os tomos 1.º e 2.º não se vendem separados.

O auctor, unico possuidor do pequeno numero de collecções completas que ainda existem em ser, determinou augmentar-lhes o preço do 1.º de janeiro de 1864 em diante. As que forem compradas depois d'essa data serão infallivelmente pagas em Lisboa a 11\$200 rs.; o que assim se annuncia desde já, para prevenir duvidas futuras, e para que as pessoas que pretenderem prover-se pelo preço actual o façam quanto antes.

A impressão do supplemento e dos indices alfabetico e systematico, que teriam de abranger de mais tres tomos iguaes aos publicados, continúa a espagar-se indefinidamente por motivos pessoais, de que a explicação cabal será dada em tempo oportuno.

O auctor continúa porém recolhendo quaesquer apontamentos, noticias e indicações que se lhe enviarem, concernentes a tal proposito, com direcção á sua morada, rua da procissão n.º 91, 2.º andar.

Este dictionario acha-se á venda na livraria de João da Silva Mello Guimarães — Aveiro.

Rio de Janeiro
Vae sahir com muita brevidade a nova galera MARIA, capitão Santos; recebe carga e passageiros, a pagar aqui ou no Rio de Janeiro. Este navio torna-se recommendavel pelos bons commodos e tratamento que tem para os passageiros. Trata-se com Manoel Pereira Penna & C.ª, praça de Carlos Alberto, n.º 132.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel.

—Typ. do Districto de Aveiro.

LARGO DE S. GONÇALLO